

# Paula Parisot faz performance para promover seu primeiro romance

Escritora ficará confinada durante sete dias para viver o 'eu' e o presente

Divulgação



PAULA POSA com o figurino da personagem pela qual a protagonista de "Gonzos e parafusos" é obcecada: "A performance tem um sentido para mim"

Márcia Abos

SÃO PAULO

**O** sempre, o para sempre, é composto de agoras". A conclusão é a que a personagem Isabela chega ao final do livro "Gonzos e parafusos" (LeYa) serve para definir a busca literária de sua autora, a carioca Paula Parisot. E a mesma citação de Emily Dickinson, uma das poetisas preferidas de Paula, ilumina a performance que a escritora de 31 anos fará para o lançamento de seu segundo livro, e primeiro romance, na Livraria da Vila, em São Paulo: a partir do dia 11, ela ficará confinada durante sete dias em um cubículo de acrílico, vivendo um episódio da vida da protagonista de seu romance, uma psicanalista que resolve se internar em uma clínica de repouso ao perceber que está delirante. No dia 18, Paula sairá do casulo diretamente para a noite de autógrafos na livraria.

— Toda a questão do livro é a nossa incapacidade de viver o presente — explica Paula. — Tudo o que eu quero é ser Isabela, mas sendo a Isabela eu sou eu, sou a Baronesa Elisabeth Bach-

ofon-Echt (pintura de Gustav Klimt pela qual Isabela é obcecada), sou a "Menina de cabelo negro nua em pé" (obra de Egon Schiele com a qual Isabela se identifica). Acredito que a única maneira de eu ser eu seja através do enclausuramento. Não terei que agradar a ninguém. É como se a partir da clausura eu me libertasse. Quero viver e descobrir esse outro espaço.

#### **Rubem Fonseca poderá levar alimento para a autora**

Em cada um dos sete dias de confinamento de Paula — que não poderá se comunicar com ninguém, nem ler, nem saber as horas — uma pessoa importante na vida da escritora levará suas refeições à livraria. "Não sei o que será servido. Essas pessoas são: a mãe, o pai, o marido, o mestre, a amiga, os sogros, o editor. Caso a pessoa não queira trazer comida, fico sem comer", escreve ela no texto em que define e cria regras para sua performance.

A confessada admiração de Paula por Rubem Fonseca aguçou naturalmente a curiosidade: o recluso escritor, que há anos foge de eventos em lugares públicos, aparecerá na livraria para alimentá-la? Ele é o "mestre" citado na lista? Ela não confirma, mas também não desmente,

e lembra que entre aqueles que a apoiaram no projeto da performance está Fonseca.

— No começo, Rubem disse que minha ideia era grotesca, bizarra. Mas acho que ele falou para me testar. Ao perceber o quanto eu estava envolvida em criar esse mundo de detalhes, mudou de opinião. Mas revelou temer que meu romance não fosse levado a sério por preconceito e ignorância. Disse a ele: "Sabe de uma coisa? F\*-se" — conta Paula, antes de mostrar em seu pescoço o presente que ganhou do mestre, um pingente dourado retangular onde se lê a mesma expressão.

Ela afirma que não teria se tornado escritora se não fosse por Fonseca, que leu os esboços de seu primeiro livro, "A dama da solidão" (contos, Companhia das Letras).

— Rubem me falou: "você só não vai ser escritora se não quiser, porque você fala o que não pode ser dito e não tem vergonha de se expor". É um ofício que requer uma disciplina brutal e em muitos momentos, sente-se solidão, desamparo, frustração — observa ela.

Durante o período de clausura, Paula só poderá falar sozinha e escrever em sete cadernos de capa branca, um para cada dia

da performance, intitulada "Gonzos e parafusos — Uma morada para a Baronesa Elisabeth Bachofen-Echt ou para a Menina de Cabelo Negro Nua em Pé ou para a Isabela ou para a autora". Tudo poderá ser acompanhado em um blog que entrará no ar segunda-feira, na página da LeYa ([www.leya.com.br](http://www.leya.com.br)).

— A performance tem um sentido para mim. Sei que vai ter quem diga que é uma palhaçada. Não vou deixar de fazer nada do que acho que devo fazer por causa do que vão dizer. Me recuso a me dobrar — diz a escritora, que lembra ter sido criticada ao lançar seu primeiro livro por ser uma designer de moda ingressando na literatura.

#### **Segundo romance já está em produção**

Apesar disso, Paula hoje vive de literatura. "A dama da solidão" foi traduzido no México, e alguns dos contos da obra, publicados nos Estados Unidos. Quando terminar a aventura de sua performance, a escritora voltará a se dedicar à produção de seu segundo romance, desta vez protagonizado por um homem, que, em vez do método de Isabela, se relaciona com o mundo por meio do caos. ■